

Corpo Invertido - Em Busca de um Conceito Aproximado

José Londe DA SILVA¹

Wellington Amâncio DA SILVA²

Resumo

Neste ensaio, tratamos mais uma vez³ do conceito de corpo-invertido, agora a partir do que denominamos de "mendigo". Para este fim, apresentamos algumas expressões antigas, advindas do léxico grego, objetivando correlacioná-las ao nosso conceito, a partir da historiografia e da Filosofia. Introdutoriamente, abordamos a questão desta representação como uma quase aporia, quando da definição do que pode ser a inversão do corpo não-sujeito. Alguma aproximação é possível por meio de uma análise oblíqua.

Palavras-Chave: Corpo-invertido, Despossuído, Não-sujeito, Mendigo.

Abstract

In this essay, we try again the concept of body-inverted, now from what we call "beggar." To this end, we present some old expressions, stemming from the Greek lexicon, in order to correlate them to our concept, from the historiography and philosophy. An introductory, we address the question of the representation as an almost aporia, when the definition of what may be the reversal of the body non-subject. Any approach is possible by means of an oblique analysis.

Key-words: Body-inverted, Dispossessed, Non-subject, Beggar.

¹ É Licenciado em História pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL; especialista em Ensino de Filosofia e membro do Grupo de Estudo Nietzsche para Indigentes. E-mail: londe.ufal@gmail.com

² Mestre em Ecologia Humana pela Universidade Estadual da Bahia - UNEB/Campus VIII; Pedagogo, Especialista em Ensino de Filosofia e membro do Grupo de Pesquisa Nietzsche para Indigentes. É vinculado ao Grupo de Pesquisa "Ecologia Humana" - UNEB/CNPq. Núcleo de Estudos em Comunidades e Povos Tradicionais e Ações Socioambientais (NECTAS) UNEB/CNPq; membro do Grupo de Estudo Nietzsche para Indigentes. E-mail: welliamancio@hotmail.com

³ DA SILVA, Wellington Amâncio; SILVA, José Londe da. Corpo invertido - A figura do indigente como discurso e como representação. Lampejo, Revista Eletrônica do Apoena (Grupo de Estudos em Schopenhauer e Nietzsche), no 7 - semestre 1 - 2015, pp. 114 - 127.

Introdução

“[...] E se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha para dentro de você”.

Nietzsche, *Além do Bem e do Mal*, §147

Partindo do princípio de uma problematização no campo do saber levado a efeito sobre o objeto - sua construção inventiva e historicizada com sua aparência de verdade e imutabilidade que parte sempre de um lugar de poder e onde se instituem formas discursivas que insistem a todo momento determiná-lo, estereotipá-lo, enquadrando-o por assim dizer, em seu produto acabado, em uma obra “perfeita” de uma criação imperfeita, faz-nos ater, para nossa análise, ao poder do discurso sobre a singularidade que é uma realidade em aberto, nunca fechada em si mesma, mas, sobretudo, um tipo singular, único, um corpo invertido e não-sujeito - e aqui, estamos falando de um corpo notável, excêntrico, esquisito, estranho - o mendigo, todavia sua problematização não é outra coisa que uma aproximação, um ato de contemplação oblíqua, visto que o mendigo aqui não se deixa vir, entender e narrar em sua totalidade. Antes de mais nada, é preciso afirmar que o mendigo não se submete às hermenêuticas - todas elas fazem dele esvaziativas representações.

O corpo-invertido

O mendigo é mais que um corpo vagabundo, ambulante, é acima de tudo, um corpo livre, porquanto é um despossuído; ele não possui nada, em consequência não é possuído; este descontínuo atravessa a história escapando de todas as tentativas de representação “sobre” ele. A rejeição a seu corpo, é a negação do seu corpo espelho. A imobilidade corpo-físico-orgânico explode em poder quando põe em movimento corpo apesado, possuídos, potestados, normatizados, enfim mortalizados. Toda e qualquer reação violenta contra o corpo mendigante, pressupõe uma ação deste corpo, pressupõe poder, ora, não se reage contra o que não se teme, contra o que não representa

força, poder, de modo que o poder, a força não se reduz a questão econômica, social e militar. Assim, o corpo que incomoda que desmantela os valores desconstrói a moral, o corpo espelho mendicante, é sobretudo, um corpo que assusta, um corpo de poder, que coloca em mobilidade corpos mendazes. É o corpo invertido presente que causa espanto, assombroso, desconforto, medo, dúvida, haja vista que o que é tido como normal não aguenta conviver com o que é estranho, incomum.

Assim, a normalidade não passa de uma moeda com a mesma face, onde tudo já foi dito, em que tudo já está posto, acabado, determinado, onde o corpo já tem seu lugar circunscricional, onde tudo não pode ser mais dito, como se houvesse verdade no que é dito, como se a verdade existisse, quando tudo não passa de interpretação livres. Aqui é o que fazemos livremente. No mudo antigo havia duas formas de mendicância conhecidas pela linguagem da época, como aquela caracterizada pelos mendigos clássicos, ou seja, por aqueles que ao não possuírem poder ou sequer um lobo no bolso, eram chamados de *πτοχος*, estes eram os miseráveis em tudo, diferente de um grupo que o discurso o chama de *Penes* (os pobres, que em tudo sofria, mas sempre tinham o que comer, claro, com muito esforço) o seu oposto era o *PLUTO*, o homem rico, dono de poder, de escravos e proprietário de terras.

Os dois, *Penes e Pluto* eram antônimos, um dava segundo a determinação da época o valor do outro, por um outro lado, o miserável (*πτοχος*) não tinham o seu antônimo, tratava-se tão somente para as convenções da época de alguém sem nenhuma importância, o discurso sobre ele foi construído para negá-lo. Mas é aqui, para além da forma de discurso, da linguagem instituída, ele está em sua negação, a pujante presença do seu corpo a força dele como corpo de não-sujeição, pala além daquele “diálogo que está sempre dentro do universo de sentidos da linguagem que os sujeitos normais partilham” (DA SILVA, 2014, p.75). Porquanto, na medida em que era despossuída de tudo, não tinha nenhuma obrigação de cidadão, não era preciso servir ao estado ao estado e, muito embora isso, lhe colocasse numa situação de opressão, também lhe dava total isenção nas obrigações impostas pelo estado, pois para nada ele servia, ou seja, a condição imposta a ele (não reconhecimento), para outra que se oponha aquela a de não obedecer aos valores do estado, a moral vigente. Assim o mendigo na condição de não sujeito não

estaria sujeito, senão a mendicância. No entanto, a mendicância não pode ser vista como um mal a ser encarado absolutamente, haja vista o fato de que temos que levar em conta as complexas situações das mentalidades.

Outro mendigo no mundo clássico Greco-Romano, foi o Cínico, este tinha uma atitude fortemente crítica ao convencionalismo, não possuía família, casa, não se preocupava com os problemas da Cidade-Estado, com a vida civil buscas por outro lado, uma vida simples como as dos cães, apreciava uma vida extremamente natural, de modo que, o seu corpo era uma máquina de guerra Cintra os padrões estabelecidos, desrespeitando todas as normas e regras permitindo ao corpo a liberação de suas pulsações numa crítica mordaz ao convencionalismo. O cínico tinha o seu corpo invertido, já que acreditava que a sociedade estava invertida. O cínico buscava, sobretudo a felicidade que para ele só poderia vir por meio da liberdade:

[...] os cínicos buscavam a felicidade através da liberdade. A concepção de liberdade dos cínicos incluía se libertar dos desejos, do medo da raiva, do pesar e de outras emoções, do controle religioso, ou moral, da autoridade dos funcionários públicos de todos os níveis, da preocupação com a opinião pública e, além disso, dos cuidados com a propriedade, do confinamento a uma localidade e da preocupação de sustentar mulher e filhos (...) Os Cínicos ridicularizavam os hábitos dos outros, mas se apegavam rigidamente aos seus próprios costumes. Eles não apareciam em Lugar nenhum sem o seu alforje o seu cajado e o seu manto, que devia estar sempre velho, sujo e esfarrapado, de modo que o ombro esquerdo sempre ficasse descoberto. Andavam sempre descalços e usavam o cabelo e a barba compridos em desalinho (CROSSAN, 1994, *apud*, SAYRE, 1948, P.7-18).

Assim, o cínico lutava para alcançar uma liberdade radical, no limite da dependência da Natureza e pala além da subserviência ao homem, o que para ele tinha um amplo significado:

O conceito que os cínicos tinham de liberdade representava a luta para se livrar de alguma coisa: liberdade da preocupação com comida, roupa, moradia, casamento, filhos etc.; liberdade de todos os compromissos que a moral, a lei, o estado e a vida comunitária em geral podem impor ao indivíduo; além disso, liberdade das paixões, ambições e das exigências de ordem religiosa, cultural, política etc.; finalmente, liberdade da própria vida, incluindo o direito de deixá-la voluntariamente se a necessidade de liberdade assim o exigisse (...) Se formos procurar concepções mais positivas, no entanto, o problema fica bem mais complicado (CROSSAN, 1994, *apud*, HÖISTAD, P.15,16).

A liberdade pela liberdade que o cínico travava sincera, franca, sem temor, falando de um modo mais preciso, temerária, e ela consistia na total desobediência a tudo que pudesse afastá-lo de seu propósito o tirar a própria vida fazia parte dessa busca incessante. O que a tornava um corpo em avesso era exatamente a feroz crítica as convenções. Assim, o corpo o cínico era a própria manifestação do caos, da desordem, era, sobretudo, propositivamente, um desmantelamento da ordem pública, uma negação absoluta das normas religiosas, da participação política, do estado, da família, de modo que cada ato comportamental, por mais que parecesse um gesto de um louco que talvez não tivesse propositura alguma, sem sentido, sem língua, consistia, na verdade, numa crítica poderosa e numa ironia aberta ao convencionalismo.

A crítica cínica provocava o caos, pois não havia reconhecimento por parte do cínico das autoridades públicas, da cultura vigente, Ora, o caos é poder e o corpo mendigo é a exibição dele, no entanto, seu poder ameaçador se fazia mais forte na pessoa do cínico, pois o corpo não era apenas um corpo nu, sujo, fétido, maltrapilhado, era antes de tudo, um organismo que tinha como finalidade um desconjuntamento da normalidade, portanto, o corpo não -sujeito e invertido é poder, é crítico, porquanto não se permite acreditar em nada, a não ser em suas necessidades fisiológicas - este era o corpo cínico.

As suas incógnitas

O corpo não-sujeito não se sujeita, não se dobra, não baixa a cerviz, muito pelo contrário, ele não é sujeito; de forma que é preciso que se entenda esta condição, tendo em vista que a condição de sujeito é identitária a partir de seu próprio termo que expressa, para efeito de qualquer dúvida, sujeição, dependência, subordinação, submissão sem vontade própria, obediência, dócil, domesticável. A concepção descartiana de sujeito com sendo aquele que conhece, que tem poder, que é ele mesmo o espírito, a mente, a consciência, opondo-se diametralmente aquilo que é possível de ser conhecido e que se convencionou chamar de objeto, é aqui absolutamente desconsiderada, já que tal relação exprime uma falsa ideia de distanciamento caracterizada pela oposição entre o que conhece e o que é conhecido, ou seja, sujeito e objeto, , como se houvesse apenas uma unilateralidade no campo da influência partindo sempre tal influência daquele que se arroga o *cogito* descartiano, no entanto, é sabido que o que há é uma influência mútua entre os dois objetos, pois a medida que se busca conhecer, se ter uma influência sobre o outro objeto, tal exercício, exprime, indiscutivelmente, da outra parte, a mesma influência.

Assim não temos uma ação única, mas, uma ação dupla e simultânea, sincronizada. Assim, a teoria do conhecimento deputava por Descartes, colocando pelos opostos sujeito e objeto não serve para nossa análise do sujeito, isso por conta do que foi dito acima, como também pela e que entendemos e defendemos sobre o que é o sujeito a partir da etimologia e da filosofia de modo que sujeito aqui é aquele que está sob jugo, subjugado, possuído, dominado; aquele que não é dono de sua própria vontade. O não-sujeito escapa a esta situação; o que há é singularidade, vontade própria; pulsações; o mendigo clássico, assim como o cínico são manifestações abertas do excêntrico, do esquisito, do estranho, mas nunca do sujeito.

Considerações finais

O corpo invertido é, sobretudo uma crítica arrasadora a uma situação normalista, é uma denúncia a uma sociedade cheia de máscaras hipócrita, é o martelo que quebra o ídolo da tartufice, das convenções impostas como sendo naturais, quando são artificiais, cuja finalidade é o domínio sobre o corpo, sua domesticação, seu adestramento, sua emasculação, castração, ou seja, o apressamento de sua vontade de poder. O corpo ao avesso é utópico, pois não há lugar em que ele possa se enquadrar, seja na psiquiatria, na medicina, no manicômio, nas clínicas, nas prisões, porque embora esses instrumentos de poder o aprisionem para fazê-lo crê na sua *topia*, ele não se importa com essa situação panóptica, muito pelo contrário, é um corpo que não se importa com discursos exteriores, a opinião pública, daí, um corpo violento, agressivo, pelo menos, assim é visto, porque é desnormalizado, desavergonhado, despudorado, muito embora tais adjetivos sejam tentativas inúteis de enquadrá-lo dentro de um paradigma circunscritivo, quando esse corpo não reconhece - como reconhecemos - a geografia, ou, mais especificamente, o lugar; um corpo, portanto utópico, haja vista que ele não obedece às regras impostas para enquadrá-lo em lugares circunscricionais; o seu lugar é “qualquer” lugar, porque não é um caso habitar um *tópos*, é um corpo livre de localizações, marcos espaços; não há lugar para ele; ele habita muito momentaneamente nos interstícios voláteis das ruas sem nome, sem dono; *hic et nunc*.

Referências

CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico - A Vida de um Camponês Judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. *Jesus: Uma Biografia Revolucionária*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

DA SILVA, Wellington Amâncio. *Foucault e indigência - as formas de silenciamento e invisibilização dos sujeitos*. *Problemata - Revista Internacional de Filosofia*, v. 6, n. 3, p. 111-128, 2015.

_____.; SILVA, José Londe da. *Corpo invertido - A figura do indigente como discurso e como representação*. Lampejo, Revista Eletrônica do Apoená (Grupo de Estudos em Schopenhauer e Nietzsche), no. 7 - semestre 1 - 2015, pp. 114 - 127.

DA SILVA, Wellington Amâncio. *Aspectos da existência situada em Heidegger*. Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, v. 3, n. 1, 2014.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Trad. de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.